

# Nacional-popular<sup>1</sup>

**Giancarlo Schirru**

Professor do Dipartimento di Asia, Africa e Mediterraneo  
Università di Napoli "L'Orientale" (Itália)

---

<sup>1</sup> Publicado com a permissão do autor. Tradução de Alvaro Bianchi. Para preservar a sutileza do argumento referente às diferentes formas que a palavra *nazionale-popolare* assume no lexico gramsciano e italiano, optou-se por manter essas expressões no idioma original ao longo do texto.

### **Nacional-popular**

**Resumo:** o artigo trata da evolução do conceito de nacional-popular nos *Quaderni del carcere* de Antonio Gramsci. Argumenta-se que foi por meio dessa obra que o conceito entrou no vocabulário político italiano, consolidando-se. O adjetivo nacional-popular foi precedido na redação dos *Quaderni* pelo substantivo composto povo-nação, revelando uma marcada inspiração na obra de Vincenzo Gioberti. Interpretes insistiram que o conceito remetia a cultura do populismo russo, divergindo, entretanto a respeito do período de desenvolvimento dessa cultura que teria sido mais marcante para o conceito. O artigo considera que essa era uma pista falsa e desenvolve uma hipótese alternativa: a de que o conceito de nacional-popular teve como inspiração principal os debates realizados na União Soviética a respeito da questão nacional, o quais atingiram seu ápice em 1923.

**Palavras-chaves:** 1. Povo; 2. Nacional-popular; 3. Antonio Gramsci.

### **National-popular**

**Abstract:** The article deals with the evolution of the concept of national-popular in Antonio Gramsci's *Quaderni del carcere*. It is argued that it was through this work that the concept entered the Italian political vocabulary, consolidating itself. The national-popular adjective was preceded in the *Quaderni's* wording by the noun compound people-nation, revealing a marked inspiration in the work of Vincenzo Gioberti. Interpreters insisted that the concept referred to the culture of Russian populism, but differed about the period of development of that culture that would have been most striking to the concept. The article considers this to be a false clue and develops an alternative hypothesis: that the concept of national-popular was primarily inspired by the debates held in the Soviet Union on the national question, which peaked in 1923.

**Keywords:** 1. People; 2. National-popular; 3. Antonio Gramsci.

Muitas das expressões que caracterizam o léxico dos *Quaderni del carcere* e que tem um valor fértil no pensamento gramsciano (entre as mais célebres pense-se em *guerra de posição* ou *revolução passiva*) provêm de um uso metafórico, ou ainda semanticamente novo, de locuções e termos já em uso em outros âmbitos:<sup>2</sup> o conceito de “*nazionalpopolare*”, em vez disso, não remete aos *Quaderni* apenas pelo seu significado, mas também pela cunhagem do significante. O termo se imporá com sucesso no léxico italiano da segunda metade do século XX, estendendo-se em seu valor semântico muito além do uso gramsciano originário.<sup>3</sup> Quanto ao significante, na verdade, este não comparece nunca nos *Quaderni* com a forma que depois progressivamente se difundiu. Gramsci, de fato, usa

---

<sup>2</sup> Para uma leitura dos *Quaderni*, concentrada sobre algumas expressões-chave do léxico gramsciano ver Vacca (1999, p. 173-205). Entre os poucos estudos sobre a língua de Gramsci se podem citar, para o léxico dos escritos juvenis Orioles (1981); sobre o mesmo período deve ser considerado, mesmo que apenas para o espólio sistemático do material, Pierini (1978). Sobre as cartas precedentes ao período do cárcere veja-se Matt (2008). Para um estudo do léxico gramsciano, em particular para os neologismos, uma primeira coletânea de interesse indubitável foi apresentada em Sanguineti (2004). Os escritos de Gramsci são citados com as seguintes abreviações: ON = Gramsci (1987); Q = Gramsci (1975).

<sup>3</sup> A lexicografia italiana é unânime na referência a Gramsci. Veja-se, por exemplo, o verbete em De Maruo (1999); Battaglia (1961-2000); Duro (1986-1994). Não se pode excluir que a forma possa ter circulado em italiano como formação ocasional, mas sua estabilização na língua deve-se, com grande probabilidade, a Gramsci. A propósito da evolução semântica do termo, que entre outras coisas tem nos escritos de Gramsci uma conotação claramente positiva, enquanto terminará por assumir um valor depreciativo, pode-se citar um episódio de paradoxal polémica entre personagens públicos em 1987, no qual o termo é percebido como abertamente ofensivo. O fato é recordado dentre outros por Vassalli (1991). Uma simples pesquisa no Google permite verificar, além disso, a difusão da forma em outras línguas, de maneira mais ou menos ligada à referência gramsciana: por exemplo, espanhol e português, *nacional-popular*; inglês, *national-popular*; francês, *national-populaire*; alemão, *national-populare*.

majoritariamente as expressões *nazional-popolare*,<sup>4</sup> ou, de modo minoritário, de *popolare-nazional*, sem recorrer ao apocope da vogal final do primeiro membro.<sup>5</sup> O termo é um composto com valor de adjetivo, formado por dois adjetivos de relação, segundo um modelo produtivo no italiano contemporâneo:<sup>6</sup> a evolução do original *nazionale-popolare* ao *nazional-popolare*, ou *nazionalpopolare*, sucessivamente difundidos pode ser considerada como normal em italiano, tendo-se em conta, simplesmente, o uso crescente do

---

<sup>4</sup> As duas formas aparecem ainda sem hífen: respectivamente *nazionale popolare* e *popolare nazionale*. Uma versão eletrônica do texto dos *Quaderni del carcere* fornece respectivamente (abstraindo a diferença entre singular e plural e a presença ou não do hífen) 89 recorrências de *nazional-popolare* e 48 de *popolare-nazionale* (sobre esta ver também Sanguineti (2004, p. 95); também esta forma conhecerá uma certa difusão no italiano). Uma vez aparece a formação com os três membros *nazionale-popolare-culturale*.

<sup>5</sup> Pode-se notar que a própria escolha é feita sistematicamente também por Benedetto Croce (1931), (1932), não por acaso ele próprio um não-setentrional e um não-toscano. Pense-se nos adjetivos *liberale-nazionale*.

<sup>6</sup> Sobre os compostos do italiano e sua classificação basta remeter a Scalise (1994, p. 121-49).

composto:<sup>7</sup> a forma *nazionalpopolare*, com ou sem hífen, terminará, portanto, a sucessivamente impor-se sem dificuldade, inserindo-se, desse modo, em uma série já formada em nossa língua desde o início do século XX, a qual compreende por exemplo, as formas *nazionalfascismo* e *nazionalfascista*, devidas a Luigi Salvatorelli,<sup>8</sup> *nazional-liberal*, com referencia ao homônimo partido alemão da segunda metade do século XIX, ou *nazionalsocialista*, *nazionalsocialismo*, que entraram em uso nos anos 1920; a estas se juntarão depois formas como *nazionalcomunista*, *nazionalcomunismo*,

<sup>7</sup> Tendo em vista a repetição na literatura de um juízo destinado a distinguir entre um “autêntico” *nazional-popolare* e um *nazionalpopolare* “artefato” na segunda metade do século XX, não estará fora de lugar avançar a propósito algumas precisões, ainda que à custa de beirar o pedantismo. A segunda variante não é, senão, o desenvolvimento normal da primeira, de acordo com as regras do italiano, e explicável, simplesmente, como efeito da fortuna que a forma conheceu. Todas as diferenças gráficas e fonológicas são irrelevantes: a presença ou não do hífen é um fato puramente gráfico, no qual o italiano admite oscilações muito difundidas (por exemplo, *giallo-blu* / *gialloblù*); o apócope da vogal final do primeiro membro do composto é normal (ainda se não obrigatório) quando este termina em *-le* ou *-re* (mesmo em formações ocasionais como *sindacal-pedagogista*, *balnear-pirotecnico*) e não tem mais relevância do que a diferença que há, para dar um exemplo relativo a formas livres, entre as expressões um *bicchiere d’aqua* e um *bicchier d’aqua*; a acentuação, então, que é assinalada pela crítica, é idêntica nas duas formas e caracterizada por um acento principal sobre o segundo elemento do composto e um acento secundário sobre o primeiro. Mais relevantes são dois fatos de ordem morfossintática: primeiro a exponência do plural, que nos *Quaderni* é marcada sobre ambos os membros do composto: *nazionali-popolari* (sete vezes; cf. tb. as seis *de popolari-nazionali*), enquanto a forma apocopada indica o plural apenas no segundo membro – *nazional-popolari* ou *nazionalpopolari* –, como normalmente ocorre nos compostos adjetivo + adjetivo em italiano; mas a maior diferença entre as duas variantes consiste no fato de que a ordem dos elementos do composto é no texto gramsciano ainda oscilante, com as duas sequências possíveis sendo utilizadas, enquanto no pós-guerra o uso se tornará rígido e o tipo *popolare-nazionale* restará fortemente minoritário. Tal oscilação se deve não apenas à nova formação do lexema, para o qual se deve ainda fixar uma ordem exclusiva, apenas se tem uma tendência predominante, mas ainda pelo fato de que o autor provavelmente sentiu o adjetivo como uma justaposição relativamente extemporânea, ao menos em uma primeira fase, de modo não muito diferente de formas como *critico-storico*, *parlamentare borghese*, *amministrativo-politico*. Com relação, por outro lado, à evolução semântica do termo, que é de outra relevância, ver as observações na nota 2.

<sup>8</sup> As expressões compõem-se nos artigos de 1920-1923 recolhidos em Salvatorelli (1923). O módulo formativo parece ser muito usado por Salvatorelli, que recorre, por exemplo, nesses mesmos escritos *massimalfascismo* (p. 47), *nazional-clericalismo* (p. 105), “*settimana rossa*” *social-fascista*, com referência à greve e às violências de julho de 1922, e *social-collaborazionisti* (p. 117-121). Os termos *nazionalfascismo* e *nazionalfascista* foram usados também por Piero Gobetti. Ver, por exemplo, Gobetti (1960). Ambas as fontes são indicadas em Battaglia (1961-2000).

*nazionalpatriottico*.<sup>9</sup> Vista a produtividade dos compostos com o adjetivo *nazionale* como primeiro termo, não surpreende que já em *L'Ordine Nuovo* de 22 de novembro de 1919, a rubrica intitulada “La settimana politica”, anônima mas geralmente atribuída a Gramsci, traga a expressão “*proprietà nazionale-burocratica*” (ON, p. 329).

O termo gramsciano foi objeto de estudo sobretudo com relação às notas dos *Quaderni* que dizem respeito à literatura italiana contemporânea.<sup>10</sup> Não há dúvidas, de fato, que um terreno escolhido por Gramsci para empregar o composto por ele formado foi exatamente sua pesquisa sobre a “ausência de um caráter *nazionale-popolare* na literatura italiana” (Q, p. 942). Não se deve esquecer, entretanto, que o conceito tem um campo de emprego mais amplo nos *Quaderni*: encontramos-lo, de fato, associado aos intelectuais, à cultura, à língua, e com uma perspectiva mais explicitamente política, em expressões como *blocco nazionale-popolare*, *coscienza nazionale-popolare*, *azione coletiva nazionale-popolare*.<sup>11</sup>

Os adjetivos *nazionale-popolare* e *popolare-nazionale* comparecem apenas no *Quaderno 3*, mas já no *Quaderno 1* no parágrafo intitulado “La demagogia”, Gramsci faz uso de um neologismo análogo, também este usado sistematicamente no restante dos *Quaderni*: o nome *popolo-nazione*, empregado a primeira vez no âmbito de uma reflexão sobre a insuficiência de direção política demonstrada pelas classes dirigentes democráticas no *Risorgimento italiano*:<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Para estes termos, ver a lexicografia indicada na nota 2. A produtividade do módulo em italiano não parece privada de influxos proveniente do francês, no qual é bem atestada uma série paralela de compostos que têm como primeiro membro o adjetivo *national* e como segundo um nome ou um adjetivo terminado respectivamente em *-isme* ou *-iste*. Ver o que se observa por exemplo, em Rey (2000, p. 1817).

<sup>10</sup> Para uma primeira referência sobre o argumento ver Musitelli (1996, p. 119-20) e a guia bibliográfica contida na seção anexa ao volume. Da mesma autora assinalamos ainda, pela pertinência em particular ao tema que estamos tratando, sua comunicação intitulada “La funzione della letteratura e il concetto di nazionale popolare” (MUSITELLI, 2008).

<sup>11</sup> Para uma resenha de tais usos ver Durante (2004, p. 150-69). Sobre os valores especificamente políticos cf. tb. Ausilio (2007)

<sup>12</sup> O substantivo *popolo-nazione*, que teve uma fortuna decididamente menor com relação ao paralelo adjetivo composto, comparece nos *Quaderni* vinte vezes, enquanto em três oportunidades é usada a ordem inversa *nazione-popolo*.

“Na realidade, então, os homens do *Risorgimento* foram uns grandes demagogos. Eles fizeram do *popolo-nazione* um instrumento, degradando-o, e nisto consiste a máxima demagogia, no sentido pejorativo que a palavra assumiu na boca dos partidos da direita, em polémica com os partidos de esquerda, se bem sejam os partidos de direita os que sempre exercitaram a pior demagogia” (Q, p. 112).

Portanto, se se deseja examinar a origem do adjetivo composto esta não se pode separar do nome composto. Ambas constituem um pequeno agrupamento que deve ser mantido em seu conjunto.

O pensamento de Vincenzo Gioberti teve certamente um papel nessa origem, como a literatura já evidenciou amplamente. No plano da filologia interna dos *Quaderni*, se pode, por outro lado, notar que pouco antes do apontamento citado acima, comparece no *Quaderno 1* uma nota, o parágrafo 80, com o título “Il pubblico e la letteratura italiana”, no qual os adjetivos *nazionale* e *popolare* são aproximados em uma relação de implicação que recorda muito de perto algumas reflexões giobertianas. A propósito, de um artigo de Leo Ferrero na *Fiera letteraria*, no qual se lamentava a ausência de público para os escritores italianos contemporâneos, Gramsci observa:

“A admiração seria uma forma de contato entre a nação e seus escritores. Hoje falta esse contato, isto é, a literatura não é nacional porque não é popular. Paradoxo do tempo atual. E não há hierarquia na literatura, isto é, falta toda personalidade eminente. Questão de porque e de como uma literatura seja popular. A ‘beleza’ não basta, necessita-se de um conteúdo humano e moral’ que seja a expressão elaborada e completa das aspirações do público” (Q, p. 80).

O conceito pelo qual uma “literatura não pode ser nacional se não é popular” já está expresso no *Rinnovamento* de Gioberti, além disso, em uma passagem que o próprio Gramsci reivindicará no *Quaderno 17*, seu último caderno miscelâneo.<sup>13</sup>

Mas a fonte principal das expressões gramscianas foi retraçada pela crítica em uma direção diversa que desejamos aprofundar aqui: na formação dos termos que estamos pesquisando foi visto um influxo da língua russa. A questão

<sup>13</sup> “Argomenti di cultura. Gioberti e il giacobinismo” (Q 17, § 9, p. 1914-1915). A passagem citada por Gramsci corresponde a Gioberti (1911-2). Sobre o influxo do pensamento de Gioberti no desenvolvimento do *nazionalpopolare* gramsciano, ver Rosa (1988, p. 176-177).

foi afrontada na realidade apenas para os adjetivos, mas seguramente envolve, como veremos, também o substantivo.

O problema foi destacado, embora com imprecisões, por Rosario Romeo, o qual, em uma nota de seu *Risorgimento e capitalismo*, refere ter recebido de Franco Venturi a indicação de que o termo *nazionale-popolare*, representava a retomada do russo *narodnost'*, “nacionalidade, etnia”, por sua vez derivado de *narod* (que quer dizer “povo”, mas também “nação”), copiado do alemão *Volkstum*, um termo que em sua origem possuía conotações antiliberais e antifrancesas. Apenas no léxico dos movimentos eslavófilos e de Aleksandr Herzen, *narodnost'* assumiu um valor democrático, entrando, então, no léxico revolucionário russo. Para a origem de *narodnost'* e seu uso no primeiro populismo russo, Romeo envia, a seguir, para o primeiro volume dos ensaios sobre o populismo russo do próprio Venturi (ROMEO, 1959).<sup>14</sup>

A indicação de Romeo foi retomada por Alberto Asor Rosa em *Scrittori e popolo*, com algumas reflexões que estão na origem de todo um filão da crítica posterior. A referência ao pensamento revolucionário russo é, de fato, adotada como prova do caráter especificamente populista do pensamento gramsciano, caráter que seria posteriormente amplificado nos anos do segundo pós-guerra pelo contraste entre o rigor das notas gramscianas e a política cultural do partido comunista de Togliatti. Tema, este último, que muito além de sua pertinência, estava destinado a tornar-se um bordão fastidioso (ROSA, 1988, p. 172-173 e 54n).

Maria Bianca Luporini retornou a esse tema recentemente fornecendo algumas observações importantes. Primeiramente, a estudiosa esclareceu o fato de que a terminologia gramsciana se reconecta, certamente, com toda a família lexical compreendendo também os substantivos *narod* e *narodnost'*, mas que,

---

<sup>14</sup> A observação foi feita pelo autor incidentalmente, no âmbito de sua conhecida crítica às notas gramscianas sobre o *Risorgimento* italiano. Romeo, em particular, está tratando do possível influxo que podem ter exercido em Gramsci os escritos de Lenin sobre a questão agrária e a experiência de sua viagem a Moscou. Para tanto, traz à luz o pensamento revolucionário russo e, de modo mais geral, as problemáticas conectadas com a perspectiva revolucionária em países camponeses da Europa oriental (VENTURI, 1972, p. 33-42) havia tratado da difusão do termo *narodnost'* (sem fazer referência a Gramsci) nos movimentos eslavófilos e nos escritos de Herzen; ver tb. *ibid.*, p. 360-361 para a crítica que Černyševsky fez ao uso do termo. Sobre a passagem de Romeo, Macchiorio (1970, p. 699-741, 717-8, 5n) havia se detido “a quente”, levantando dúvidas sobre a referência ao populismo russo.



obviamente, o adjetivo *nazionale-popolare* é derivado do adjetivo *narodnyj*, que quer dizer, propriamente, seja *nazionale*, seja *popolare*, e não sobre *narodnost'* (que equivale a “nacionalidade, etnia”). Esta última forma, então, não seria uma derivação do alemão *Volkstum*, mas do francês *nationalité*. A propósito, Luporini cita uma carta de 1818 na qual Pëtr Andreevič Vjazemskij propõe cunhar o termo, propriamente com referência ao francês; recorda, além disso, como já Puškin tinha se dado conta que o russo *narodnyj* era semanticamente equivalente à soma dos dois adjetivos franceses, *national* e *populaire*, e que uma consciência similar era mostrada por Tolstoj. De um modo geral, portanto, retira o termo gramsciano de um vínculo direto com a cultura do populismo russo da segunda metade do século XIX e o reconecta mais à cultura da primeira metade (LUPORINI, 1995, p. 43-51).

De nossa parte, desejamos reexaminar a questão procurando acrescentar uma cunha na reconstrução de Luporini. Acreditamos de fato que a passagem direta por meio da qual os dois termos, *narod* e *narodnyj*, chegam até Gramsci seja constituída pela linguagem dos bolcheviques e, particularmente, pela terminologia usada pelos soviéticos no debate dos primeiros anos 1920 sobre a questão nacional.

Primeiramente é preciso confirmar que o impulso que leva Gramsci à adoção de uma nova terminologia provém de razões primariamente linguísticas. Ele se dá conta de fato que em particular os termos italianos *nazione*, *nazionale* têm um significado mais restrito do que aqueles termos similares presentes em outras línguas. Assim ele se expressa a propósito no *Quaderno 5*: “*Nazional-popolare*. Escrevi algumas notas para observar como a expressão ‘*nazione*’ e ‘*nazionale*’ tem em italiano um significado muito mais limitado do que aqueles que nas outras línguas tem as palavras correspondentes dadas pelos seus vocabulários” (Q, p. 640).

Essa realidade linguística é, para Gramsci, o resultado de um processo histórico, como sempre acontece com as particularidades semânticas do léxico. Antes desta nota encontramos efetivamente nos *Quaderni* uma série de apontamentos que se detêm sobre o confronto entre o espírito público italiano e aquele francês, procurando nos diversos eventos históricos das duas línguas nacionais a origem de alguma particularidade contemporânea. Assim, sempre no *Quaderno 3*, no parágrafo 82, intitulado “*Cultura storica italiana e francese*”,

Gramsci observa que a “cultura histórica e a cultura geral francesa pode se desenvolver e tornar-se ‘*popolare-nazionale*’ devido à mesma complexidade e variedade da história política francesa dos últimos 150 anos”, a qual é o resultado da combinação de impulsos diversos. Portanto, toda tentativa de narração unilateral (por exemplo, pelos nacionalistas) resultava “sectária, forçada, utópica, antinacional”. O resultado é que

“o protagonista da historia francesa tornou-se o elemento permanente destas variações políticas, o *popolo-nazione*; daí um tipo de nacionalismo político e cultural que foge dos limites dos partidos propriamente nacionalistas e que impregna toda a cultura, daí uma dependência e uma coligação estreita entre *popolo-nazione* e intelectuais”.

Ao contrário, na Itália,

“na qual no passado procurava-se com uma lanterna o sentimento nacional, fazendo distinções, interpretando, silenciando, etc. (...). O preconceito de que a Itália sempre foi uma nação complica toda a história e requer acrobacias intelectuais anti-históricas. Por isso, na história do século XIX não se podia exercer a unidade nacional faltando o elemento permanente, o *popolo-nazione*”.

Esta situação, segundo Gramsci, parecia mudar com a passagem do século,

“mas ela não foi devidamente explorada e a retórica retomou seu curso ascendente (...). Não é necessário negar que muitos passos adiante foram dados em todos os sentidos, mas isso seria cair em uma retórica oposta. No entanto, especialmente antes da guerra, muitos movimentos intelectuais procuravam rejuvenescer e afastar a cultura da retórica, aproximando-a do povo, isto é, nacionaliza-la. (*Nazione-popolo* e *nazione-retorica* poderiam ser chamadas as duas tendências)” (Q, p. 361-362).

E ainda, no parágrafo 145 do mesmo *Quaderno*, em uma breve nota dedicada ainda ao confronto entre a cultura italiana e aquela francesa e em particular entre a *Accademia della Crusca* e a *Accademia degli Immortali*, se observa como o “ponto de vista francês é o da ‘língua’ como concepção de mundo, com base elementar – *popolare-nazionale* – da unidade da civilização francesa” (Q, p. 401).

No âmbito dessa reflexão, que assume como dado central a particularidade semântica de alguns termos italianos examinados comparativamente, o próprio Gramsci parece indicar no russo a língua que constitui um dos termos do confronto mais claramente. Esta direção de pesquisa pode ser lida em um apontamento do *Quaderno 3*, o parágrafo 63, rubricado com o título “*I nipotini di padre Bresciani*”, no qual se afirma:<sup>15</sup>

“Observar o fato de que em muitas línguas ‘*nazionale*’ e ‘*popolare*’ são quase sinônimos (em russo, em alemão ‘*volkish*’ tem quase um sentido [ainda] mais íntimo, de raça, na língua eslava em geral; em francês tem o mesmo significado, mas já mais elaborado politicamente, ligado, assim, ao conceito de ‘soberania’; soberania nacional e soberania popular têm ou tiveram um valor igual). Na Itália, os intelectuais São distantes do povo, isto é, da ‘nação’ e são ligados a uma tradição de casta, que nunca foi rompida por um forte movimento político popular ou nacional, tradição ‘livresca’ e abstrata” (Q, p. 343).

Estamos, aparentemente, perante uma simples nota de semasiologia comparada, por outro lado irrepreensível. Nas línguas eslavas, de fato, estão geralmente presentes corradicais do nome russo *narodz* (com seus derivados correspondentes ao russo *narodnyj*) que querem dizer seja “povo, estirpe”, seja, ainda, “nação”, os quais provêm do paleoeslavo *narodъ* “estirpe, povo, multidão” (que terá uma evolução semântica similar àquela do latino *natio*). Para esta forma são possíveis duas matrizes: pode ser considerada como um derivado do verbo *naroditi*, por sua vez formado pela partícula *na* – “em, no” – (de valor semântico dificilmente definido nesta formação) e do verbo *roditi* – “parir, gerar, fazer nascer, produzir” –; ou, se pode analisar em *na* e no nome *rodъ* – “descendência, estirpe, parentela”, “gênero” –, etimologicamente ligado a este último verbo (HAVLOVÁ, 1989; TRUBAČEV, 1974)<sup>16</sup>.

Mas nesta nota de Gramsci parece ver-se algo a mais: o centro de sua atenção não parece tanto o léxico das línguas, assim como este se institucionalizou nas tradições históricas profundas, quanto a língua específica

<sup>15</sup> A passagem já foi recordada por Macchioro (1970, p. 718), Rosa (1988, p. 172, 5n), Luporini (1995, p. 48, 3n) e será retomada por Gramsci e uma segunda redação (cf. Q 23, § 5, p. 216).

<sup>16</sup> Ver o adjetivo derivado *narodъ*; Vasmer (1902, p. 88); Vaillant (1974, p. 76). O verbo *roditi* e o substantivos *rodъ* são reconduzíveis ao estrato hereditário indoeuropeu do paleoeslavo, em particular à base i.e. \**werdh-*.

de alguns movimentos políticos que caracterizaram fortemente a primeira metade do século XX e o período entre as duas guerras em particular. Já nos detivemos sobre observações avançadas por Gramsci a propósito do termo francês *nationale*. Mas esta perspectiva é colocada de modo mais claro pelo breve aceno ao adjetivo alemão *völkisch*, que havia se tornado um termo-bandeira na linguagem política do nacional-socialismo, âmbito no qual era usado com ritmo batido e no qual foi objeto de uma ampla redundância semântica, tendo conotações amplamente racistas e antisemitas (SCHMITZ-BERNING, 2007).<sup>17</sup> Gramsci se mostra consciente deste deslizamento, advertindo sobre o significado mais íntimo “de raça” que este adjetivo havia adquirido.

Significativamente, entretanto, a lista se abre com uma referencia ao russo, portanto, ao próprio adjetivo *narodnyj*. Este, não ao acaso, havia adquirido um significado importante e fértil na linguagem dos bolcheviques, além disso, exatamente nos anos em que Gramsci podia ter uma documentação mais direta, de primeira mão, do léxico político soviético.

A este propósito é necessário abrir um parênteses dedicado à discussão sobre a questão nacional que atravessou a experiência soviética desde suas origens. Partindo das reflexões iniciais desenvolvidas por Lenin, Trotsky e Stalin antes da grande guerra e de Outubro, a questão tornou-se de urgente atualidade nos anos 1920, ou no “período de ouro dos nacional-comunismos não russos” (GRAZIOSI, 2007, p. 204, 201-208).<sup>18</sup>

A abertura da questão nacional foi o fruto de quatro instâncias diversas, independentes entre si, cada uma com um centro decisório distinto, mas que terminaram por entrelaçar-se uma com a outra, provocando um resultado não óbvio na arquitetura institucional da nascente União Soviética e na cultura bolchevique.

Um primeiro impulso provém do processo de regionalização, ocorrido por iniciativa do Gosplan, com o objetivo de superar as divisões administrativas do

---

<sup>17</sup> O termo não parece ter encontrado novos âmbitos de uso depois da Segunda Guerra Mundial, talvez devido a um tabu. A lexicografia alemã descreve, de fato, seu significado referindo-se ao valor ideológico, racista e antisemita adquirido em particular na linguagem política do nacional-socialismo. Ver, por exemplo, os verbetes em Brockhaus (1980-1984), e Drosdowski (1993-1995).

<sup>18</sup> Sobre a questão ver, entre outros, Werth (1993, p. 205-221), Slezkine (1994, p. 44-452), Suny; Martin (2011).

império russo e obter uma articulação política do território mais funcional para as exigências da economia socialista.<sup>19</sup>

Segundo, a discussão sobre a atitude institucional da União da qual se ocupava o Comissariado do Povo para as Nacionalidades (portanto, Stalin) que resultou, como se sabe, não na formação de uma União russa, mas em uma União Soviética de repúblicas formalmente paritárias do ponto de vista institucional, por sua vez amplamente articuladas internamente segundo um modelo federalista (WERTH, 1993, p. 205-221)

Terceiro, a grande campanha de alfabetização promovida pelo Comissariado do Povo para a Instrução da Federação russa (CLARCK, 1995, p. 1327-1341; GRENOBLE, 2003, p. 45-54). E, por fim, quarto, o vasto movimento para a reforma da escrita (com a adoção do alfabeto latino no lugar daquele de base árabe), que partiu das periferias mais longínquas da galáxia soviética – a Sibéria, o Cáucaso e a Ásia central – e chegou, no final do decênio, a roçar o coração eslavo da União (SLEZKINE, 1994; MARTIN, 2011, p. 182-207; SMITH, 1998, p. 121-142).<sup>20</sup>

O ano de 1923 foi certamente aquele no qual estas quatro frentes se unificaram entre si e a questão nacional foi o centro da discussão do XII congresso do PCR(b), em abril daquele ano, e de uma conferência do Comitê Central do partido ocorrida no início de junho. Nessas ocasiões foram tomadas decisões que permaneceram formalmente em vigor durante toda a experiência soviética, considerando, por exemplo, que, em 1991, para o fim da União Soviética se fez uso de uma cláusula de rescisão introduzida na Constituição de 1924 (GRAZIOSI, 2007, p. 201).<sup>21</sup> Assim, no verão de 1923 teve início a regionalização, que interessou inicialmente a Ásia central, o Cáucaso setentrional e a Ucrânia; no mesmo período, começou a primeira fase da

---

<sup>19</sup> Sobre a regionalização, ver Carr (1968); para sua relevância no desenvolvimento da questão nacional, com particular referência à Ucrânia, ver Martin (2001, p. 33-48).

<sup>20</sup> Para alguns estudos particulares sobre o tema ver Simonato (2005); e um estudo que se pode citar como exemplar pela amplitude da documentação e p exame dos problemas linguísticos: Rzehak (2001, p. 222-258).

<sup>21</sup> Para a discussão da questão nacional no XII Congresso do PCR(b) e na conferência de junho de 1923, ver CARR (1965); a importância do XII Congresso para finalizar uma linha que permanecerá nos anos sucessivos em vigor por muito tempo é mais de uma volta recordada em Martin (2011).

campanha de alfabetização destinada aos inscritos nos sindicatos; em 1923 foi latinizado o ossético, a maior entre as línguas iranianas difundidas no Cáucaso e, entre 1922 e 1924, as autoridades soviéticas do Azerbaijão promoveram a reforma da escritura, deixando de lado o alfabeto árabe-persa em favor do latino para os azeris. Esta decisão foi amplamente seguida por todas as línguas do Cáucaso (com a exceção do georgiano e do armênio, que continuaram a usar suas escrituras nacionais de tradição milenária) e se estende depois também para as línguas turcas e iranianas da Ásia central.<sup>22</sup> A formação da República Federal Transcaucasiana, em 1922, não sem dificuldades para a questão georgiana, permitiu, ao fim daquele ano, que se procedesse rapidamente à formação de uma nova União Soviética.

O ponto a ser destacado é que todos esses quatro processos sobre os quais acenamos podiam ser conduzidos por meio da adoção de diversos critérios. Por exemplo, no estabelecimento de novos limites administrativos seria possível recorrer a critérios geográficos (a presença de barreiras naturais), econômicos (a especialização produtiva dos diversos territórios e a presença de matérias primas), políticos (a formação das diversas realidades territoriais na guerra civil). Apesar de todas estas razões terem um peso sobre as decisões definitivas, é indubitável que o critério que preponderantemente operou no fim foi o etnográfico e, em particular, o linguístico: promoveu-se a unidade administrativa autônoma de todo território no qual foi difundida de modo suficientemente compacto uma variedade linguística diferente do russo. O próprio entrelaçamento das diversas questões levou a este resultado final, com o predomínio da linguística etnográfica sobre todas as outras disciplinas especializadas. Sobre tal terreno se encontravam de acordo tanto o Comissariado do Povo para as Nacionalidades, guiado por Stalin, como o da Instrução, em cujo vértice se encontrava Anatoli Lunacharsky, o dirigente que durante dos os anos 1920 se torna o principal ponto de referência da comunidade científica dos linguistas, tornando-se promotor, dentre outras coisas, do desenvolvimento de um alfabeto único com base no latim,

---

<sup>22</sup> Para a reforma ortográfica do ossético, em 1923, ver Thodarson (1989, p. 456-79); sobre a reforma ortográfica do azeri e suas repercussões, ver Martin (2011, p. 186-90). Recordemos que já em 1922 foi adotado um alfabeto com base no latim para o iacuto, uma língua do grupo turco difundida no Extremo Oriente da Sibéria, ver Stachowski; Menz (1998, p. 420).

funcionando com critérios fonéticos, adotável por todas as línguas da União, inclusive o russo.<sup>23</sup>

Deve-se, então, ter presente um fator político que ao final resultou de grande peso: a guerra civil tinha mostrado que a oposição à revolução socialista tendia a coagular-se nas formas de uma série de reivindicações nacionais e independentistas contra a opressão grão-russa. Por isso, sobretudo nos anos da NEP, foi particularmente enérgica no grupo dirigente bolchevique a palavra de ordem de “indigenização” (*korenizacija*); o novo poder socialista deveria se apoiar, nos diversos territórios, em quadros locais, que usassem a língua local e uma cultura local na relação com o restante da população.<sup>24</sup> Este imperativo era declinado pelos bolcheviques tendo em mente os escritos de Marx sobre o 1848 francês, dos quais emergia em particular a necessidade de vínculo de direção política entre a classe operária e os camponeses, que permitisse percorrer todos os elos da cadeia revolucionária, em suma, o tema da hegemonia.

Neste princípio se inspiram, por exemplo as *Teses sobre a questão nacional*, apresentadas ao XII Congresso do partido, nas quais se podia ler o convite a que os comissariados da União fossem formados de maneira a assegurar o atendimento das exigências dos “povos-nação” da União (*narodov Sojuza*), ou que “os órgãos da república e das regiões nacionais sejam compostos predominantemente por pessoas do local, que conheçam a língua, o modo de vida, os usos e costumes dos respectivos povos-nação [*znajuščix jazyk byt, nravy i oby ai siitvetstvujučix narodov*]”. Nas Teses também se advogavam medidas práticas como a constituição de círculos marxistas para os militantes do partido das repúblicas nacionais; o desenvolvimento da literatura teórica marxista nas respectivas línguas nacionais; a constituição nos partidos comunistas nacionais de “grupos de instrutores formados de militantes locais”; “o desenvolvimento

---

<sup>23</sup> Sobre a centralidade assumida pela linguística etnográfica no fornecimento dos critérios de classificação da população soviética e no tratamento da questão nacional, ver em particular as reflexões desenvolvidas em Hirsch (2005). Sobre as diversas orientações presentes na linguística soviética em relação às exigências da política linguística, ver Smith (1998). O papel de Lunacharsky como interlocutor da comunidade científica de linguistas e, em particular, na promoção do planejamento linguístico e da reforma alfabética foi recordado por exemplo em Smith (198, p. 38-43); Martin (2011, p. 196-98).

<sup>24</sup> À *korenizacija* bolchevique são dedicadas páginas muito eficazes em Slezkine (1994, p. 433-434); Kappeler (2001, p. 374-382); e, principalmente, Martin (2011, p. 125-181).

de uma atividade editorial de massa nas respectivas línguas nacionais”; “a intensificação do trabalho educativo nas repúblicas” e, em particular, entre os jovens.<sup>25</sup> Ainda entre os escritos de Anatoli Lunacharsky se podem reencontrar facilmente expressões similares. Em polêmica contra aqueles que consideravam a arte e a literatura um passatempo para os latifundiários, afirmava que “A arte, obviamente, é necessária ao povo-nação” (*Iskustvo, konečno, nužno narodu*) (LUNACHARSKY, 1975, p. 80). E a propósito da serenidade artística da obra de Puškin e de seu uso da língua russa, afirmou: “Basta recolher plenamente o tesouro da linguagem *nacional-popular* (iz sokroviščnicy narodnoj reči) e, por meio dela, nominar as coisas, como Adão na Bíblia” (*ibid.*, p. 140).

Nos primeiros anos 1920, os termos que estamos examinando não parecem ter ainda assumido o valor técnico que os caracterizará, principalmente, no decênio sucessivo, quando na ideologia soviética se estabelecerá, com relação à questão nacional, uma hierarquia destinada a distinguir entre a “tribo” (*plemja*), caracterizada por uma economia primitiva de caça e coleta (por exemplo, os grupos lapões ou esquimós do grande Norte); “povo-nação” (*narod*), ou “etnia-nacional” (*narodnost*), que tinham um modo de produção predominantemente agrícola e estruturas de poder de tipo feudal ou colonial (tipicamente, portanto, os grupos étnicos do Cáucaso ou aqueles orientais); “nacionalidade” (*nazional’nost*) ou nação (*nacija*), que haviam conhecido um desenvolvimento capitalista e, portanto, apresentavam uma burguesia com uma consciência nacional autônoma, de tipo europeu (como, por exemplo, a Lituânia, a Polônia, a Geórgia ou a Armênia); para estes últimos conceitos se especializaram os termos russos derivados, por empréstimo, do francês *nation*.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Para as teses que foram também publicadas na Pravda, ver Narkomnac (1953, p. 716 e 718). Para a tradução italiana, que não corresponde em todas as suas particularidades ao texto aprovado pelo Congresso, mas parece mais ter como base o texto originalmente elaborado pelo Narkomnac (*Narodnyj komissariat po delam nazionalnostej*. Commissariado do Povo para as Nacionalidades), ver Stalin (1952, p. 231, 233-234).

<sup>26</sup> Sobre a catalogação dos grupos étnicos operada pela cultura soviética, principalmente nos anos 1930, com base em uma hierarquia de orientação mais ou menos evolucionista tendo como pontos de referência os diversos graus de desenvolvimento do sistema de produção e a formação de uma consciência nacional, ver Slezkine (1994, p. 427-428; 1992, p. 52-76); Smith (1998, p. 51-8); Roy (2000, p. 14); Grenoble (2003, p. 46-7) Ver, em particular, Hirsch (2005, p. 36-45), para a terminologia usada pela etnografia russa, (*ibid.*, p. 215-227; 231-272), para a refutação do biologismo racista de influencia alemã por parte da ciência soviética e a preferência atribuída aos critérios de tipo econômico e cultural.



Não é difícil reconstruir nesta discussão aquilo que está diretamente subjacente à pesquisa de Gramsci sobre a natureza histórica e cultural do processo que leva à formação das nações modernas, nas quais os dois polos em relação entre si – os intelectuais e o *popolo-nazione* – são por ele examinados em uma chave problemática. Desta maneira, evita, conscientemente, cair em duas banalizações diversas: por um lado as concepções naturalistas da nação, fundadas sobre o determinismo biológico, das quais um claro exemplo eram as teorias do nacional-socialismo alemão<sup>27</sup>; por outro lado, o populismo que é explicitamente identificado por Gramsci como o efeito da falta, e não da busca, de um “vínculo sentimental” entre governantes e governados. Esta última solução, que caracteriza por outro lado, toda a parábola compreendida entre o primeiro socialismo italiano e o fascismo, é, segundo ele, inoperante na medida em que consiste na separação temporária dos elementos (majoritariamente jovens) aristocráticos e burgueses de suas classes, os quais se aproximam do povo, “mas nas crises históricas retornam ao curral. Este fenômeno de ‘grupos’ não se verificou apenas na Itália. Também nos países onde a situação é análoga ocorreram fenômenos análogos: os socialismos nacionais dos países eslavos (ou social-revolucionários ou *narodniki*, etc.) (Q, §137, p. 397)<sup>28</sup>

Não é estranho, portanto, que Palmiro Togliatti, tornando em um de seus últimos escritos sobre as notas gramscianas dedicadas ao *Risorgimento* e sobre o debate que estas tinham suscitado, se detivesse longamente exatamente sobre a relação entre os movimentos populares e movimentos nacionais no século XIX italiano, com uma premissa de método que recorda de maneira muito próxima as reflexões dos bolcheviques: “Uma longa experiência histórica e política mostrou que o sentimento nacional está sempre presente no ânimo dos povos, mesmo nas sociedades economicamente atrasadas”. Assim, a propósito dos pontos de chegada da reflexão de Gramsci sobre o *popolo-nazione*, deixou uma indicação sobre aquilo que estava subjacente a ele, observando: “depois da grande crise do primeiro pós-guerra e depois da vitória da revolução russa teve lugar toda uma elaboração, seja de doutrina seja diretamente política e prática,

---

<sup>27</sup> Sobre este tema, ver o Q 17 § 43.

<sup>28</sup> Ver o Q 8, § 35, no qual se propõe um paralelo entre Giuseppe Ferrari, Bakunin e os populistas russos.

através da qual as vanguardas da classe operaria e das outras classes populares foram conduzidas a tomar consciência da função nacional, de guia, que a estas classes pertence nos momentos atuais da história” (Togliatti, 1964, p. 431-2 e 448).

Pode-se chegar, então, às seguintes conclusões:

- os termos gramscianos *nazional-popolare* (com o seu desenvolvimento normal *nazionalpopolare*) e *popolo-nazione* representam vários russismos, derivados respectivamente do adjetivo *narodnyj* e do substantivo *narod*. Particularmente, as formas italianas remetem ao uso específico que a linguagem política bolchevique fez dos termos russos e são registradas então como soviétismos, isto é, o grupo de russismos reconduzíveis à experiência da revolução soviética. Precisamente a natureza culta e “de autor” da interferência torna difícil uma inserção mais precisa desta forma nas classificações dos soviétismos de nossa língua [o italiano];<sup>29</sup>
- o populismo russo, que no passado foi visto como a fonte direta da terminologia de Gramsci, representa uma pista falsa;
- como foi demonstrado mais de uma vez por Giuseppe Vacca, para o estudos dos *Quaderni del cárcere* – pode se dizer o mesmo para a compreensão de sua cartas – não se pode prescindir do exame das contínuas referências à experiência soviética ali contidas.<sup>30</sup>

## Referências bibliográficas

AUSILIO, M. La “volontà coletiva nazionale-popolare”: Rousseau, Hegel, Gramsci a confronto. *Giornale di filosofia. Filosofia italiana*. Disponível em: [www.filosofiaitaliana.it](http://www.filosofiaitaliana.it). Consultado em dez. 2007.

BATTAGLIA, S. *Grande dizionario della lingua italiana*. Torino: Utet, 1961-2000, 21v.

---

<sup>29</sup> Sobre os soviétismos no italiano ver Mancini (1992, p. 188-92); Orioles(2006), onde se oferecem ainda diversos critérios de classificação. Obviamente no texto dos *Quaderni* os soviétismos que circulavam mais amplamente no léxico comunista do tempo estão presentes abundantemente. Por exemplo: *centralismo democratico*, *quadro* “dirigente”, *deviazione*, *autocritica*, *consigli* (dos operários e dos camponeses), *piano* (de produção).

<sup>30</sup> Sobre a questão, ver, em particular, pelo seu caráter exemplar, Vacca (1999, p. 207-227).

- BROCKHAUS *Wahrig deutsches Wörterbuch*. Stuttgart: Brockhaus, 1980-1984.
- CARR, E. H.: *Il socialismo in un solo paese*. La politica interna 1924-1926. Torino: Einaudi, 1968, v. I
- \_\_\_\_\_. *La morte di Lenin*. L'interregno 1923-1924. Torino: Einaudi, 1965. p. 251-271
- CLARCK, C. E. Literacy and Labour: The Russian Literacy Campaign and the Trade Unions, 1923-1927. *Europa-Asia Studies*, v. XLVII, p. 1327-1341, 1995.
- CROCE, B. Le rivoluzioni del 1848, il compimento del moto liberale-nazionale e la crisi del 1870. *Atti dell'Accademia di scienze morali e politiche della Società reale di Napoli*, v. LIV, p. 201-285, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Storia d'Europa nel secolo decimonono*. Bari: Laterza, 1932.
- DE MAURO, T. *Grande dizionario dell'italiano dell'uso*. Torino: Utet, 1999, 6v.
- DROSDOWSKI, G. (dir.). *Das große Wörterbuch der deutschen Sprache*. 2 ed. Mannheim: Duden, 1993-1995.
- DURANTE, L. Nazionale-popolare. In: FROSINI, F.; LIGUORI, G. (a cura di). *Le parole di Gramsci*. Per un lessico dei "Quaderni del carcere". Roma: Carocci, 2004
- DURO, A. *Vocabolario della lingua italiana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1986-1994, 4v.
- GIOBERTI, V. *Del rinnovamento civile d'Italia*, a cura di F. Nicolini. Bari: Laterza, 1911-1912, v. III, p. 126
- GOBETTI, P. Lettere dall'estero: le vincende francesi. *La Rivoluzione Liberale*, a. III, n. 25, 17 giu.1924, p. 98 In: *Scritti Politici*, a cura di P. Spriano. (Opere complete di Piero Gobetti). Torino: Einaudi, 1960, p. 701-706.
- GRAMSCI, A. *L'Ordine Nuovo. 1919-1920*, a cura di V. Gerratana e A. A. Santucci. Torino: Einaudi, 1987
- \_\_\_\_\_. *Quaderni del carcere*, a cura di V. Gerratana. Torino: Einaudi, 1975.
- GRAZIOSI, A. *L'URSS di Lenin e Stalin. Storia dell'Unione Sovietica. 1914-1945*. Bologna: Il Mulino, 2007
- GRENOBLE, L. A. *Language Policy in the Soviet Union*. Dordrecht: Kluwer, 2003.
- HAVLOVÁ, E. (dir.). *Etymologický slovník jazyka stroslovenského*. Praga: Academia, 1989.
- HIRSCH, F. *Empire of Nations: Ethnographic Knowledge and the making of the Soviet Union*. Ithaca; London: Cornell University, 2005.

- KAPPELER, A. *The Russian Empire: A Multiethnic Empire*. Harlow: Pearson, 2001
- LUNACHARSKY, A. Aleksandr Sergeevič Puškin (1922). In: *Stat'i o literature*. Moskva: 1957. (Trad. italiana: *Sull'arte e la letteratura: Scritti scelti*. Moskva: Progress, 1980.)
- \_\_\_\_\_. Svoboda knigi i revoljucii (1921) In: *Izbrannye stat'i po estetike*. Moskva: Iskusstvo, 1975. (Trad. italiana: L'alibertà del libro e la rivoluzione. In: *La rivoluzione proletaria e la cultura borghese*. Milano: Mazzotta, 1972.
- LUPORINI, M. B. Alle origini del "nazionale-popolare". In: BARATTA, G.; CATONE, A. (a cura di). *Antonio Gramsci e il "progresso intellettuale di massa"*. Milano: Unicolpi, 1995.
- MACCHIORIO, A. Risorgimento, capitalismo e metodo storico. In: *Studi di storia del pensiero economico e altri saggi*. Milano: Feltrinelli, 1970
- MANCINI, M. *L'esotismo nel lessico italiano*. Roma: Calamo, 1992.
- MARTIN, T. *The affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939*. Ithaca; London: Cornell University, 2001.
- MATT, L. Aspetti linguistici delle lettere precarcerarie. In: GIASI, F. (a cura di). *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008, v. 2, p. 793-812.
- MEILLET, A. *Études sur l'étymologie et le vocabulaire du vieux slave*. Paris: Bouillon, 1902.
- MUSITELLI, M. P. Introduzione a Gramsci. Roma; Bari: Laterza, 1996, p. 119-120.
- \_\_\_\_\_. La funzione della letteratura e il concetto di nazionale popolare. GIASI, F. (a cura di). *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008, v. 2, p. 813-838.
- NARKOMNAC. *Kommunitičeskaja partija soveckogo sojuza v rezoljucijax i rešenijax c'ezdov konferencij i plenumov CK: 1898-1925*. Moskva: 1953
- ORIOLES, V. *I russismi nella lingua italiana: con particolare riguardo ai sovietismo*. Roma: Calamo, 2006.
- \_\_\_\_\_. Retrodatazione dagli scritti di Gramsci 1914-1920. *Lingua Nostra*, v. XLII, p. 112-117, 1981.
- PIERINI, F. *Gramsci e la storiologia della rivoluzione (1914-1920): studio storico-semantic*. Roma: Paolinem 1978.
- REY, A. (org.). *Le Grand Robert de la langue française*. 2 ed. Paris: Dictionnaires le Robert, 2000.
- ROMEO, R. *Risorgimento e capitalismo*. Bari: Laterza, 1959.

- ROSA, A. A. *Scrittori e popolo. Il populismo nella letteratura italiana contemporanea*. Torino: Einaudi, 1988.
- ROY, O. *The New Central Asia*. London: Tauris, 2000, p. 14
- RZEHAK, L. *Von Persischen zum Tadshikischen. Sprachliches Handeln und Sprachplanung in Transoxanien zwischen Tradition, Moderne un Sowjetmacht (1900-1956)*. Wwiesbaden: Reichert, 2001, p. 222-258
- SALVATORELLI, L. *Nazionalfascismo*. Torino: Piero Gobetti, 1923.
- SANGUINETI, E. *Schede gramsciane*. Torino: Utet, 2004.
- SCALISE, S. *Morfologia*. Bologna: IL Mulino, 1994.
- SCHMITZ-BERNING, C. *Vokabular des Nationalsozialismus*. 2 ed. Berlin: de Gruyter, 2007.
- SMITH, M. G. *Language and Power in the Creation of the USSR, 1917-1953*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.
- SIMONATO, E. Marr et Jakolev: deux projets d'alphabet abkhaz. *Cahiers de l'ILSL*, v. XX, p. 255-269, 2005
- SLEZKINE, Y. From Savages do Citizens: The Cultural Revolution in Soviet Far North, 1928-1938. *Slavic Review*, v. LI, p. 52-76, 1992.
- \_\_\_\_\_. The URSS as a Communal Appartment, or How a Socialist State promote Ethnic Particularism. *Slavic Review*, v. LIII, p. 44-452, 1994.
- SMITH, M., G. *Language and Power in the Creation of the USSR, 1917-1953*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.
- STACHOWSKI, M.; MENZ, A. Yakut. In: JOHNSON, L.; CSATÓ, É. Á. (eds.). *The Turkic Languages*. London; New York: Routledge, 1998, p. 420.
- STALIN, J. *Opere complete*. Roma: Rinascita, 1952, v. V, p. 231, 233-234.
- SUNY, R. G.; MARTIN, T. (eds.). *A Sate of Nations. Empire and Nation-Making in the Age of Lenin and Stalin*. Oxford: Oxford University, 2001.
- THODARSON, F. Ossetic. In: SCHMITT, R. (ed.). *Compendium linguarum Iranicarum*. Wiesbaden: Reichert, 1989, p. 456-479
- TOGLIATTI, P. Le classi popolari nel Risorgimento. *Studi Storici*, n. 3, 1964.
- TRUBAČEV, O. N. *Ètimologičeskij slovar'slavjanskix jazykov*. Moscou: Nauka, 1974, 33v
- VACCA, G. La "quistione politica delgli intellettuali" e la concezione dello Stato. Nomenclatura dei "Quaderni". In: *Appuntamenti con Gramsci. Introduzione allo studio dei 'Quaderni del carcere'*. Roma: Carocci, 1999, p. 173-205.

VAILLANT, A. *Grammaire compare des langues slaves: La formation des noms*. Paris: Klincksieck, 1974, v. IV

VASSALLI, S. *Il neoitaliano. Le parole degli anni Ottanta*. 2 ed. Bologna: Zanichelli, 1991.

VENTURI, F. *Il populismo russo. Herzen, Bakunin, Černyševsky*. 2 ed. Torino: Einaudi, 1972, v. I.

WERTH, N. *Storia dell'Unione Sovietica. Dall'impero russo alla Comunità degli Stati Indipendenti. 1900-1991*. Bologna: Il Mulino, 1993, p. 205-221.